

À sombra da tradição: produção, difusão e consumo do saber histórico no Brasil

In the shadow of tradition: production, distribution and consumption of historical knowledge in Brazil

FRANZINI, Fábio. *À sombra das palmeiras: a coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. Rio de Janeiro: Edições Fundação Casa de Rui Barbosa, 2010, 308 p.

Rebeca Gontijo

rebeca_gontijo@hotmail.com

Professora adjunta

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Campus de Seropédica - BR 465 (Antiga Rio-São Paulo) - Km 7

23890-000 - Seropédica - RJ

Brasil

Palavras-chave

Historiografia; Coleção Documentos Brasileiros; Gilberto Freyre.

300

Keywords

Historiography; Brazilians Documents Collection; Gilberto Freyre.

Recebido em: 28/5/2012

Aprovado em: 21/9/2012

A escrita da história da historiografia, como produção intelectual e, também, política – uma vez que envolve a constituição do campo disciplinar da história, com suas disposições metodológicas, institucionais, corporativas, editoriais e pedagógicas, que configuram um terreno em disputas –, é frequentemente relacionada ao processo de construção da história como disciplina autônoma no século XIX (CARBONELL 1982; BLANKE 2006). Mas, para que fosse possível e desejável escrevê-la foi preciso que houvesse não apenas uma concepção de história enquanto gênero dotado de especificidades – algo admitido desde a antiguidade –, mas uma consciência da condição histórica da própria historiografia, além da compreensão de que a história escrita constitui um tipo de documento.¹ Supostamente, tais aspectos autorizaram a constituição de uma espécie de arquivo, capaz de servir de base para a elaboração desse tipo de história.² E essa produção adotou, por muito tempo, uma forma característica: o registro dos progressos da pesquisa, indicando historiadores e obras referenciais, de modo a conformar formas antigas e modernas de investigar, escrever e ler a história.³

Mais recentemente, François Hartog afirmou que, pensar a historiografia supõe ir além de uma história da história restrita a “uma coletânea dos erros passados cometidos por historiadores que não podiam ter uma visão *exata* do passado”. Essa perspectiva nada mais faria, a não ser afirmar uma história “pré-científica” – assim como, “conservadora” ou “tradicional” – que é ou deve ser ultrapassada (HARTOG 2009).⁴

Uma forma de ir além dessa perspectiva cômoda, que é observar os “progressos” e “atrasos” da historiografia, é reconstituir as mediações sociais da produção e difusão do saber histórico. E essa é a proposta de Fábio Franzini em seu livro, fruto de sua tese de doutorado,⁵ que recebeu o Prêmio da Casa de Rui Barbosa 2004.

O estudo de Franzini focaliza as mediações sociais que regem a difusão do conhecimento histórico, contribuindo para a compreensão da história da historiografia como o estudo da constituição de um sistema intelectual, por

301

¹ Anthony Grafton (2007) reconstitui as práticas de exegese textual e de crítica histórica anteriores ao século XIX. Ao fazer isso, ajuda a compreender não apenas as relações entre tais práticas e as formas de representação do passado entre os séculos XV e XVIII, mas, também, os modos como seus produtos, as histórias escritas, podiam ser lidos e historicizados. Portanto, é possível dizer que a história da historiografia se desenvolveu *pari passu* à temporalização e à ascensão de um moderno conceito de história. Resta compreender as formas que essa história da historiografia assumiu desde então. As classificações elaboradas por BLANKE (2006) são úteis nesse sentido.

² Essa proposição acompanha as reflexões de GUMBRECHT 1996; SOUZA 1987. Ambos abordam a história da literatura.

³ É interessante observar que, no Brasil, há indícios de uma consciência historiográfica ao longo do século XIX (ARAUJO 2011; ABREU 1878, 1882). Ao mesmo tempo, a história da historiografia permaneceu como parte da história da literatura até o início do século XX. E embora haja algumas narrativas autônomas sobre essa história nas décadas de 1920 e 1930 (BEZERRA 1927; HAUSER 1937), é possível dizer que o trabalho mais sistemático de estudo e escrita foi posto em prática por José Honório Rodrigues entre os anos 1940 e 1970.

⁴ Essa mudança de rumo no estudo da história da historiografia – apontada por HARTOG (2009) e autores como MALERBA (2006) e BLANKE (2006) – está relacionada ao chamado *giro linguístico*, que colocou em questão o estatuto do texto histórico, reafirmando a historicidade do discurso produzido pelos historiadores. Uma síntese da discussão sobre a narrativa histórica hoje é oferecida por REVEL 2010. Para o aprofundamento da reflexão sobre as possibilidades e funções da história da historiografia como campo de estudos, a partir de questões contemporâneas, ver: CERTEAU 1982; MALERBA 2006; ANKERSMIT 2006; HARTOG 2009; GUIMARÃES 2007; ARAUJO 2006; SILVA 2001.

⁵ A tese de Franzini foi defendida na Universidade de São Paulo, em 2007, sob a orientação de Nicolau Sevcenko.

meio do qual a história é produzida e dada a ler. Dessa forma, reconstituir os “impactos intelectuais” de obras conhecidas e outras, nem tanto, pois que não tiveram o mesmo peso, nem repercutiram da mesma forma em sua própria época e além dela.

A frase utilizada pelo autor para sintetizar as razões da escolha do tema foi extraída de Robert Darnton: “[...] os livros não se limitam a relatar a história: eles a fazem” (DARNTON 1990, p. 130-131). Com esse mote, Franzini realiza um “estudo das condições materiais de produção, difusão e consumo do saber histórico no Brasil da primeira metade do século XX” (FRANZINI 2010, p. 21). O objeto escolhido foi a coleção Documentos Brasileiros, da Livraria José Olympio Editora, vista como ponto de convergência entre os diferentes sujeitos que constituíram esse sistema intelectual, entre 1936 e 1959.

De fato, trata-se de um empreendimento incomum no terreno ainda pouco explorado dos estudos sobre a historiografia realizados no Brasil.⁶ Por um lado, tais estudos têm sido marcados pela questão nacional, vista como eixo norteador da pesquisa e da escrita da história, atrelando de forma profícua a história da historiografia à história política;⁷ por outro e em menor grau,

302

⁶ Entre os anos 1940 e 1970, observa-se o investimento de alguns pesquisadores isolados no estudo da história e da história da historiografia no Brasil, tais como: RODRIGUES (1949, 1952, 1965), CAMPOS (1961), FIGUEIRA (1973), DIAS (1974), ODÁLIA (1979), LAPA (1976), GLEZER (1977), JANOTTI (1977), cujos trabalhos foram produzidos num contexto marcado pelo desenvolvimento dos cursos universitários de história. Trata-se de uma produção que, de modo bastante genérico, caracteriza-se pelo empenho em apresentar um panorama da historiografia e dos historiadores do Brasil, a exceção de Dias, Glezer e Janotti, cujos estudos têm caráter monográfico, pois estão restritos à análise de um historiador – Robert Southey, Honório Rodrigues e João Francisco Lisboa, respectivamente – e sua obra. Nos anos 1980 e 1990, além de alguns trabalhos pontuais (BOTTMAN 1985; ARAÚJO 1988; IGLÉSIAS 1988) destacam-se as pesquisas de GUIMARÃES (1988), WEHLING (1989, 1992, 1999), PASCHOAL GUIMARÃES (1994, 2006), que tratam de temas relativos ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, bem como os de FALCON (1999), GOMES (1996) – que se dedica ao estudo da cultura histórica no século XX, com foco na primeira metade do século XX, período pouco estudado –, DIEHL (1993, 1998) e REIS (1994, 1999, 2003), os dois últimos autores de várias obras de síntese sobre historiografia brasileira e teoria da história. As contribuições de Falcon e Wehling para o estudo do historicismo no Brasil e de Manoel Guimarães, para a compreensão da história / memória disciplinar e da cultura histórica oitocentista, bem como, para a divulgação no país de importantes reflexões de historiadores franceses e alemães, somam-se ao esforço para o entendimento das relações entre a escrita da história e a questão nacional no Oitocentos. Nesse sentido, Manoel Salgado Guimarães e Lucia Paschoal Guimarães também se destacam na orientação de várias pesquisas que articulam a escrita da história à história política, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento da história da historiografia como campo de estudos. Mais recentemente, entre os anos 1990 e a primeira década do século XXI, as pesquisas de: KANTOR (2004), sobre as academias ilustradas do Setecentos; CEZAR (2003, 2007, 2008, 2009), que também focaliza a produção historiográfica oitocentista vinculada ao IHGB, destacando-se no estudo da obra de Varnhagen; e ARAÚJO (2008), que procura ir além dos institutos na investigação das concepções de história oitocentistas. Por diferentes caminhos, esses autores verticalizam as análises, aprofundando o estudo dos textos e, no caso do segundo, deslocando o foco da questão nacional. Atualmente, grande parte dos estudos sobre historiografia no Brasil se detém sobre o século XIX.

⁷ Na década de 1970, dois livros se destacavam por abordar a produção historiográfica oitocentista na interseção com a história política e a questão nacional, ambos frutos de teses de doutoramento: *O fardo do homem branco: Southey, historiador do Brasil* (1974), de Maria Odila Leite da Silva Dias; e *João Francisco Lisboa: jornalista e historiador* (1977), de Maria de Lourdes Mônaco Janotti. Posteriormente, o trabalho de Manoel Luiz Salgado Guimarães apontou outro caminho para articular o estudo da historiografia à história política, focalizando uma instituição: o IHGB. O artigo “Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional”, publicado em 1988, apresenta a síntese de sua tese de doutorado, *A escrita da história no século XIX. Historiografia e nação no Brasil (1838-1857)*, defendida no ano anterior, na Universidade Livre de Berlim, sob a orientação de Hagen Schulze. A tese foi traduzida e publicada no Brasil postumamente, em 2011, com o título de *Historiografia e nação no Brasil: 1838-1857*. Desde o início dos anos 1990, várias pesquisas sobre o tema, com foco no IHGB do século XIX, foram desenvolvidas no âmbito das pós-graduações, com difusão, sobretudo, por meio de revistas acadêmicas. Importante observar que os estudos de Manoel Guimarães desdobraram-se, permitindo-lhe esboçar um projeto para a historiografia enquanto campo de investigação, que propunha articular política e cultura histórica, assemelhando-se a “uma história das formas de lembrar-se”. Caberia à historiografia como área de investigação, entre outras coisas, a tarefa de “interrogar acerca das inúmeras formas de produção do passado e dos regimes correlatos de escrita que se instauram para significar esse conjunto pretérito de

privilegiam problemas de ordem discursiva ou formal, convergindo o foco para o texto historiográfico. Daí a discussão sobre narrativa, estilo, retórica, bem como sobre as práticas, os métodos de investigação.⁸ De forma preliminar, é possível dizer que parte significativa dos estudos sobre historiografia no Brasil versa sobre autores e/ou obras em contraste com os estudos sobre uma instituição: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

O livro *À sombra das palmeiras*, árvore-símbolo da coleção, abre outra trilha, que também pode ser muito rica, sobretudo se considerarmos certas características de uma cultura histórica relativas à produção de coleções destinadas a explicar o país e dizer *quem* e *o que* devemos ler para conhecê-lo.

No primeiro capítulo, "Dilemas e embates da historiografia tropical", o autor demonstra a força da tradição historiográfica oitocentista no século XX, mas também chama atenção para as mudanças significativas ocorridas ao longo de cem anos, entre a criação do IHGB, em 1838, e 1938, ano de realização do 3º Congresso de História Nacional, promovido pelo mesmo Instituto.⁹ Tais mudanças são relacionadas à submissão da história à sociologia, percebida pelos contemporâneos, indicando o progressivo esgotamento do modelo estabelecido por Varnhagen, fundado na noção de história geral. De acordo com Franzini, na virada do século XIX, a pesquisa histórica já ultrapassava os limites da documentação oficial e a colocava ao lado de "narrativas de viagem, inventários, testamentos, memórias e outros papéis privados" (FRANZINI 2006, p. 47). Considerando que "novas fontes exigem novos métodos", tais mudanças suscitavam novas interpretações e formas narrativas. Destacando a presença de Capistrano de Abreu nesse contexto como alguém que "se fez especialista entre polígrafos", Franzini também o situa como "o primeiro *historiador* brasileiro no sentido moderno do termo", cujas características seriam: a erudição e o rigor metodológico. Um contraponto ao "paradigma Varnhagen" (FRANZINI 2010, p. 49-50).¹⁰

303

experiências". Em outras palavras, "interrogar as formas do discurso histórico", considerando sua relação, enquanto forma específica de produção de conhecimento sobre o passado, com a cultura histórica mais ampla. Ver GUIMARÃES 2007, p. 31; 36.

⁸ A partir do final dos anos 1980 e ao longo da primeira década do século XXI, é possível notar certo interesse por problemas relacionados ao discurso histórico, à narrativa, às práticas de investigação e às concepções de história que as orientam, geralmente mantendo o referencial da história política e da questão nacional, mas também expressando outras preocupações, por vezes relacionadas à cultura histórica, à experiência do tempo e à recepção das obras historiográficas, assim como enfrentando problemas de teoria da história ou da história dos conceitos. O livro de Ricardo Benzaquen de Araújo, *Guerra e paz: Casa-grande e senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30* (1994) é exemplar nesse sentido. Cabe lembrar que, um artigo do mesmo autor, *Ronda noturna: narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu*, foi publicado em 1988, no primeiro número da revista *Estudos Históricos*, no qual também foi incluído o citado artigo de Guimarães, "Nação e civilização nos trópicos". De certa forma, ambos apresentavam novas possibilidades para o estudo da historiografia, que desde então têm se expandido no país. Sendo difícil oferecer um balanço, mesmo que preliminar, dessa recente produção, cito apenas alguns exemplos que considero ilustrativos e que não focalizam unicamente o caso brasileiro: KODAMA (1999); SINKEVISQUE (2000); MARQUES (2000); CEZAR (2002); CALDAS (2004); ASSIS (2004, 2009); ARAUJO (2008); OLIVEIRA (2006, 2012); SILVA (2006, 2011); NICODEMO (2008, 2011); GONÇALVES (2009); VARELLA (2011); TURIN (2005, 2009); CHARBEL (2010); NICOLAZZI (2011). Essa pequena seleção visa apenas assinalar um movimento que contribui para a definição de um campo de estudos, que, certamente, é bem mais amplo e variado.

⁹ Os dois primeiros Congressos Nacionais de História foram realizados pelo IHGB em 1914 e 1931.

¹⁰ Embora haja mudanças significativas em relação ao modo de pensar a história nacional de Varnhagen, indicando a existência de modelos de escrita distintos, a afirmação de que Capistrano apresenta uma mudança no paradigma da pesquisa, que diz respeito ao trato de documentos com perspectiva moderna, tem sido matizada por estudos como: OLIVEIRA 2006; CEZAR 2000, 2003, 2004, 2005; SILVA 2006.

Outro aspecto a ser destacado no capítulo diz respeito ao esforço do autor para relacionar as mudanças em curso no Brasil com aquelas observadas no cenário europeu, particularmente, na França e nos Estados Unidos.

Na sequência, o segundo capítulo, intitulado “O Brasil descobre a história, a história descobre o Brasil”, analisa a consolidação da história como um saber estratégico para a construção dos nexos entre passado e futuro e chama atenção para os limites materiais da produção intelectual no país no início do século XX. É o mundo das pequenas editoras que eram, também, livrarias, com a dupla função de indústria e mercado, num cenário tão grande como mal servido de vias de comunicação e difusão da cultura letrada, com escassez de livrarias, periódicos e bibliotecas. Outro aspecto importante é a metamorfose dos polígrafos homens de letras em historiadores, uma identidade repleta de nuances, num contexto em que a escrita da história era vista por alguns como seca e sem cor, o que restringia seu interesse e alcance comerciais.¹¹ Os principais canais de divulgação, segundo Franzini, eram a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, publicada desde 1839, e as publicações similares estaduais. Eram, no dizer do autor, a expressão de um “nicho especializado, produtor de um saber quase sacralizado e, por isso mesmo, restrito aos nele iniciados” (FRANZINI 2006, p. 81). E havia também o espaço das revistas e jornais das principais cidades do país, onde os autores supostamente podiam alcançar um número maior de leitores, ainda que esse tipo de divulgação impedisse o aprofundamento e sistematização do conhecimento histórico.

304

O autor também lembra que, embora os estudos históricos tivessem pouquíssima visibilidade pública, é possível arriscar que a parte mais expressiva dessa repercussão era devida aos manuais escolares, como a *História do Brasil* – em três versões dirigidas a distintas faixas de escolaridade –, de João Ribeiro (FRANZINI 2006, p. 82-83). Publicado em 1900, esse manual alcançou a marca de dezenove edições em 1966, sendo que a 7ª fora publicada nos anos 1920, pela editora Francisco Alves.¹²

O capítulo acompanha o movimento editorial da época com o objetivo de caracterizar as expectativas dos homens de letras num meio em que mal se distinguia a missão intelectual da missão política, e a escrita da história ainda pouco diferia da literatura. O sucesso editorial de *Os sertões*, de Euclides da Cunha é lembrado com tal propósito. Lançado em 1902, cinco anos depois de *Canudos*, com tiragem excepcional de 1.000 exemplares que se esgotaram em apenas dois meses! No ano seguinte, a segunda edição e, em 1904, a terceira, totalizando dez mil exemplares rapidamente vendidos. Poucos anos depois, em 1911, uma tiragem de 3.300 exemplares, feito repetido em 1914. Até o fim da década de 1920, seriam lançadas outras seis edições com sucesso absoluto de vendas.

¹¹ Franzini cita o crítico literário José Veríssimo, para quem a produção historiográfica apresentava “a segura e o incolorido de um relatório”, crítica que, aliás, já era vigente antes da virada do século.

¹² A versão destinada ao Curso Superior (equivalente ao Ensino Médio) evidenciava uma abordagem sociocultural da história do Brasil sintonizada com a *Kulturgeschichte* alemã, compartilhada por João Ribeiro e, também, por Capistrano de Abreu.

Conclui Franzini que, a repercussão atípica de um texto atípico como *Os sertões* indicava a ansiedade do público leitor por interpretações sobre o país que fossem além da rua do Ouvidor. Nesse sentido, o estudo revela o contraste entre “os frágeis suportes materiais do trabalho intelectual e a existência de sólida base social para reflexões dedicadas à realidade brasileira” (FRANZINI 2006, p. 86-87).

É nesse terreno frágil, mas fértil, que o autor procura situar a coleção Documentos Brasileiros, criada nos anos 1930. Esse é o tema do terceiro capítulo, “Artífices e artifícios de uma coleção”, que focaliza as ações de um grupo de intelectuais empenhado em criar, divulgar e consolidar uma publicação destinada a *fazer* a história do Brasil. Franzini acompanha a expectativa em torno do livro *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre. Antes mesmo de seu lançamento, em 1933, já provocava comentários na imprensa, o que só foi possível porque os mesmos intelectuais que utilizam esse espaço para expressar suas ideias eram, também, amigos de Freyre, o que lhes garantia acesso prévio aos originais antes mesmo da publicação. É nesse pequeno mundo, repleto de “igrejinhas” e “panelinhas”, que aos poucos se define o que se deve ler para conhecer o Brasil. O livro ainda não disponível era apresentado ao potencial público leitor como algo distinto das obras então conhecidas. E após a publicação, na virada de 1933 para 1934, foi definitivamente consagrado como algo novo: novos sujeitos históricos, nova abordagem, nova explicação, enfatizando a positividade da miscigenação, novas fontes e nova linguagem, sendo que a novidade maior era, justamente, a reunião de todas essas novidades em uma única obra, tal como acontecera antes com *Os sertões*, publicado em 1902.¹³ Mas, ao contrário de Euclides da Cunha, que teve a vida interrompida prematura e tragicamente em 1909, Freyre passou de “quase desconhecido” a intelectual mais importante do país.¹⁴

305

Dois anos depois, no prefácio de seu segundo livro, *Sobrados e mucambos*, afirmou aquilo que Franzini identifica como um “verdadeiro manifesto por uma nova história do Brasil”: uma história livre de ideias preconcebidas; permeada pela sociologia, pela antropologia e pela psicologia; apoiada em fontes diversas, com o objetivo de reconstituir o passado de forma multifacetada e global, bem como, compreender sua dinâmica. Por fim, uma história caracterizada pelo comprometimento do historiador com seu objeto, resultado do cruzamento entre objetividade científica e subjetividade analítica (FRANZINI 2006, p. 144). Era o ano de 1936 e foi então que esse mesmo Freyre aceitou dirigir a coleção Documentos Brasileiros, a convite do editor José Olympio, este último movido por interesses patrióticos e, também, comerciais.

Como observa Franzini, “mais que um autor, ele agora assumia o papel de legitimador de outros autores, e não deixaria de aproveitá-lo para estabelecer um programa de ação centrado em seus próprios interesses intelectuais”.¹⁵ O capítulo

¹³ Importante lembrar que Gilberto Freyre é o autor de 13 dos 108 títulos da Coleção Documentos Brasileiros. A quarta edição de *Casa-grande e senzala* foi publicada na Coleção, em 1943.

¹⁴ Outro estudo importante que traça um paralelo entre as obras de Gilberto Freyre e Euclides da Cunha é o livro *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-grande e senzala e a representação do passado* (2011), de Fernando Nicolazzi.

¹⁵ A interpretação de Franzini aproxima-se, nesse ponto, da leitura de Gustavo Sorá, que analisou o “programa de ação” de Freyre na tese de doutorado *Brasília: a casa José Olympio e a instituição do livro nacional* (UFRJ, 1998). Contudo, enquanto Sorá restringe tal programa à afirmação do nordeste como lugar

acompanha a intensa troca de cartas entre Freyre e interlocutores como José Lins do Rego e José Olympio, que define os rumos da coleção, a ser inaugurada com o livro de Sergio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, em 1936.

O prefácio de Freyre anunciava que a nova série vinha atender à ânsia de "introspecção social", tida como traço marcante da inteligência brasileira, por meio de uma diversidade de materiais: "do inventário à biografia; desde o documento em estado quase bruto à interpretação sociológica em forma de ensaio" (FREYRE 1936, p. 5-9), sendo que a característica considerada mais evidente é a objetividade (FRANZINI 2006, p. 151). Note-se a semelhança desse projeto editorial com o da coleção Brasileira, publicada pela Companhia Editora Nacional entre os anos 1930 e 1950 (PONTES 2001), sendo que Franzini observa uma significativa diferença: no cerne da nova série estava o compromisso com o documento, tomado como evidência necessária para a construção de um conhecimento "verdadeiro" sobre o Brasil, fundado em interpretações "comprováveis". Nas palavras do autor: "tratava-se de afirmar o conhecimento *científico* sobre o Brasil, elaborado por *especialistas* que davam 'vida' aos documentos para juntá-los 'à história social do brasileiro'" (FRANZINI 2006, p. 153).

306

O capítulo acompanha ainda a entrada em cena de Octávio Tarquínio de Souza, com destacada trajetória no serviço público e, também, como intelectual. Em 1938 assumiu a direção da Coleção, ao mesmo tempo em que atuava no cargo de editor da *Revista do Brasil*. Assim como Freyre, Tarquínio de Sousa também ambicionava projetar na coleção as suas próprias concepções de história, que ficavam evidentes nos livros de sua autoria: uma série de biografias de personagens da história imperial, cujo objetivo era situar o homem no meio histórico da forma mais objetiva possível (FRANZINI 2006, p. 173-174). Essa contextualização rigorosa fundamentada em documentos, procurava fazer da biografia um meio para a modernização da historiografia, num contexto em que se observava "uma inumana anulação do indivíduo" (SOUSA 1944, p. 21).

Por fim, o quarto capítulo, "Os espelhos da história", acompanha e analisa as mutações da coleção ocorridas ao longo dos anos 1940 e 1950, uma "'nova história' em moto-contínuo" (FRANZINI 2006, p. 189). O trabalho inicia focalizando a quarta edição de *Casa-grande e senzala*, publicada na Coleção Documentos Brasileiros em 1943. No prefácio, Freyre procura rebater as críticas que atacavam o corte limitado da obra, seu caráter meramente regional, desqualificando suas intenções de analisar a formação da sociedade brasileira.¹⁶ Para driblá-las, apresenta o livro como um ensaio "antes de sociologia genética do que de história convencional". A importância de sua obra deveria ser medida pela legitimidade dessa escolha, reforçada ao longo de vários livros,

simbólico por meio do qual Freyre procuraria sintetizar as essências do caráter nacional, Franzini procura ampliar a perspectiva, revelando a ambição maior da interpretação de Freyre, que almeja consolidar uma interpretação do Brasil.

¹⁶ Cabe aqui lembrar que, nos anos 1940, vigorava um movimento de afirmação de outro regionalismo, o dos historiadores paulistas, que objetivavam demarcar as especificidades locais, recusando o modelo abrangente de Freyre. Com relação a isso, Franzini chama atenção para os trabalhos de Afonso Taunay e Washington Vita (FRANZINI 2006, p. 195). Ver também DE LUCA (1999) e FERRETTI (2004), ambos citados por Franzini.

especialmente aqueles dados a ler como continuções de *Casa-grande e senzala* (1933): *Nordeste: aspectos da influência da cana-de-açúcar sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil* (1937), *Sobrados e mucambos* (1936), *Ordem e progresso* (1959). Livros complementares, capazes de oferecer uma arquitetura sócio-histórica essencialmente idêntica para todas as regiões.¹⁷

O argumento central de Franzini é o de que esse projeto histórico-sociológico de Freyre se materializou, em larga medida, na Coleção Documentos Brasileiros,¹⁸ cujos princípios foram por ele definidos, assim como indicou e prefaciou autores e obras ali publicadas. E, a cada introdução ele não se furtou de reiterar os pressupostos de uma nova forma de pensar o Brasil que era a sua, uma história social bastante distinta de uma outra história: aquela de corte político-biográfico que conformara a tradição historiográfica oitocentista presente nos institutos históricos. Trata-se da difusão, ao longo dos anos 1930, do “projeto freiriano de interpretação do Brasil”, que passou de proposta a modelo de uma história dita “social”, ou ainda, “cultural, num contexto em que a indistinção dos saberes ainda prevalecia” (FRANZINI 2006, p. 200; 212).

Embora com menos espaço no capítulo final, Octávio Tarquínio de Souza também está presente como o outro importante artífice da Coleção. Na interpretação de Franzini, o refinamento do trabalho de Tarquínio lhe conferiu uma posição única na historiografia brasileira do período.¹⁹ Contudo, essa posição não lhe garantiu o papel de modelo a ser seguido, tal como no caso de Freyre. Sua posição de isolamento é refletida nos desdobramentos tímidos que seu projeto historiográfico alcançou. Nas palavras de Franzini, “seu interesse e sua atenção ao biográfico não chegavam a se configurar, ou a se implementar, como um *projeto* intelectual abrangente”. Prevalece a ideia de que, “antes de sobrepor-se à coleção, [Tarquínio] nela se diluía”, ainda que seu projeto estivesse afinado com seu próprio tempo, mostrando-se interessado na divulgação dos testemunhos de época e sensível diante das novas visões do passado brasileiro (FRANZINI 2006, p. 235-237).

O prefácio à obra *D. João VI no Brasil (1808-1821)*, cuja 2ª edição foi publicada na Coleção em 1945, apresenta uma concepção moderna de história. Situando o autor, Oliveira Lima, como precursor de um novo modo de pensar e interpretar o passado nacional, que antecipa as abordagens presentes na Coleção, como a do próprio Freyre, aliás, Tarquínio de Sousa indica as características dessa outra história, gestada no interior do IHGB,²⁰ a saber: uma história viva que ia além do mundo da política, sem rigorismo cronológico, apresentada como um “largo panorama” de “uma comunidade moça, incerta de seus rumos, a sofrer o influxo

¹⁷ Observo que, para Ricardo Benzaquen de Araújo, as obras de Freyre indicam menos um esforço de repetição, do que desdobramentos de suas ideias-força, sendo que *Casa-grande e senzala* era tido por Freyre como fonte inspiradora de si mesmo, um ponto de partida do seu próprio pensamento e obra (ARAÚJO 1994, p. 107-108).

¹⁸ Como o próprio Franzini observa, além de publicar seus livros na Coleção Documentos Brasileiros, Freyre também almejava a criação de um selo próprio para abrigá-los na mesma editora: a Gilbertiana (FRANZINI 2006, p. 219-220).

¹⁹ Ver também GONÇALVES 2010.

²⁰ Franzini nos lembra que, após a publicação da obra de Oliveira Lima na Documentos Brasileiros, a Revista do IHGB deu lugar, pela primeira vez, para a Coleção, ao publicar a resenha de “D. João VI no Brasil (1808-1921)”, escrita por Hélio Viana.

e a repercussão de acontecimentos que se desenrolavam em outros lugares” (SOUSA 1945, p. 3; 7-9), resultado de pesquisa direta em arquivos e do uso de fontes variadas (FRANZINI 2006, p. 238-239).

Ainda no capítulo quatro, Franzini chama atenção para uma presença, uma ausência e uma recorrência no âmbito da Coleção. Uma história dita “das ideias” está presente em alguma medida, sendo a obra de João Cruz Costa, *Contribuição à história das ideias no Brasil* (1956), o exemplo mais notável. Quanto à ausência, trata-se do materialismo histórico, ignorado pela Documentos Brasileiros, num momento de significativa difusão de obras marxistas, tanto clássicas como contemporâneas, geralmente publicadas por pequenas editoras. Como hipótese, Franzini argumenta que essa ausência talvez possa ser explicada devido ao perfil dos diretores da Coleção (FRANZINI 2006, p. 253-255). Tanto Gilberto Freyre como Octávio Tarquínio, por razões diversas, mostravam-se refratários ao materialismo histórico. O primeiro buscava consolidar a interpretação sociocultural e, o segundo, ao optar pelo biográfico, ainda que buscando entender o homem em si mesmo e em relação ao meio e ao momento, também deixou pouca margem para o marxismo. Por fim, uma recorrência: a presença da historiografia “de corte mais tradicional”, que privilegia personagens e acontecimentos políticos. Observa-se uma certa continuidade da história *événementielle*, só que aberta a novas questões e temas, no que Franzini acompanha a avaliação de José Roberto do Amaral Lapa (LAPA 1976). O exemplo escolhido dessa historiografia presa entre o “tradicional” e o “moderno” é *Garibaldi e a Guerra dos Farrapos* (1938), de Lindolfo Collor. Nessa obra, encontramos tanto a visão de que a importância de uma época é dada por seus homens mais representativos, quanto à relativização da “verdade dos documentos”, ou ainda, o esforço para construir uma visão integral do passado, reconstituindo os nexos causais entre os acontecimentos (FRANZINI 2006, p. 259-263).

308

O autor conclui afirmando que a Coleção Documentos Brasileiros construiu um lugar “legítimo e respeitado”, capaz de acolher uma produção historiográfica que não se ajustava mais à rigidez identificada no IHGB e ainda não se identificava plenamente com outro *locus* de produção, recém-criado: as faculdades de filosofia.

À *sombra das palmeiras* oferece ao leitor a possibilidade de articular a história da historiografia à história intelectual e à história do livro e da leitura. Explorando os bastidores da Coleção Documentos Brasileiros por meio das cartas trocadas por dois de seus artífices, Gilberto Freyre e Octávio Tarquínio de Souza, Franzini dá vida à rede de intelectuais que pensaram e escreveram o Brasil. Por esse caminho sombreado, ilumina seus projetos, expressos por meio de escritos diversos, dos prefácios aos livros, passando pelas resenhas críticas. Nesse sentido, serve como exemplo de que o estudo da historiografia pode, hoje, interrogar as várias formas de transformar o passado em história que constituem uma cultura histórica. Ao fazer isso, a historiografia interroga a si mesma, num esforço de reflexão sobre os mecanismos de produção de sentido, bem como sobre seu trabalho de silenciar e esquecer (GUIMARÃES 2007).

Referências bibliográficas

- ANKERSMIT, FRANK R. Historicismo, pós-modernismo e historiografia. In: MALERBA, Jurandir (org.). **A história escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 95-114.
- ABREU, Capistrano de. Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro [1878]. In: _____. **Ensaio e estudos: crítica e história**, 1ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 81-91.
- _____. Sobre o Visconde de Porto Seguro [1882]. In: _____. **Ensaio e estudos: crítica e história**, 1ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 131-147.
- ARAÚJO, Ricardo Bezanquen de. Ronda noturna: narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu. **Estudos Históricos**, vol. 1, n. 1, 1988, p. 28-54.
- _____. **Guerra e paz: Casa-grande e senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30**. São Paulo: Ed. 34, 1994.
- ARAUJO, Valdeci Lopes de. **A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)**. São Paulo: Hucitec, 2008.
- _____. Sobre o lugar da história da historiografia como disciplina autônoma. **Locus**, vol. 12, n. 1, p. 79-94, 2006.
- _____. Cairu e a emergência da consciência historiográfica no Brasil (1808-1830). In: NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das et al (orgs.). **Estudos de historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: FGV, 2011, p. 75-92.
- ASSIS, Arthur Alfaix. **O que fazem os historiadores, quando fazem história? A teoria da história de Jörn Rüsen e "Do Império à República", de Sergio Buarque de Holanda**. Brasília: UnB, dissertação de mestrado, 2004.
- _____. **Historical thinking value function history: Johann Gustav Droysen on the Value and Function of History**. Witten, Alemanha: Universidade de Witten, 2009.
- BEZERRA, Alcides. Os historiadores do Brasil no século XIX. Conferência realizada no Centro de Cultura Brasileira, em 05/08/1926. In: ARQUIVO NACIONAL. **Relatório Anual do Director, referente a 1926**. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Arquivo Nacional, 1927, p. 61-76.
- BLANKE, Horst Walter. Para uma nova história da historiografia. In: MALERBA, Jurandir (org.). **A história escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BOTTMAN, Denise. **Padrões explicativos da historiografia brasileira**. Campinas: Unicamp, dissertação de mestrado em História, 1985.
- CALDAS, Pedro. **Que significa pensar historicamente: uma interpretação da teoria da história de Johan Gustav Droysen**. Rio de Janeiro: PUC, tese de doutorado em História, 2004.

- CAMPOS, Pedro Moacyr. Esboço da historiografia brasileira nos séculos XIX e XX. In: GLÉNISSON, Jean (org.). **Iniciação aos estudos históricos**. São Paulo: DIFEL, 1961.
- CARBONELL, Charles-Olivier. Pour une histoire de l'historiographie. **Histoire de la Historiographie**, n. 1, 1992, p. 7-25.
- CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: _____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 65-119. [1954]
- CEZAR, Temístocles. **L'écriture de l'histoire au Brésil au XIXe siècle**: essai sur une rhétorique de la nationalité: le cas Varnhagen. 2 tomes. Paris: EHESS, tese de doutorado, 2002.
- _____. Lição sobre a escrita da história. *Historiografia e nação no Brasil do século XIX*. **Diálogos** (Maringá), vol. 8, p. 11-29, 2004.
- _____. Quando um manuscrito torna-se fonte histórica: as marcas de verdade no relato de Gabriel Soares de Sousa (1587). Ensaio sobre uma operação historiográfica. **História em revista** (Pelotas), vol. 6, p. 37-58, 2000.
- _____. Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual. In: PESAVENTO, Sandra (org.). **História cultural**: experiências de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 173-208.
- _____. Antigos, modernos e "selvagens" na obra de Francisco Adolfo de Varnhagen. Comparação e paralelo na escrita da história brasileira oitocentista. In: PIRES, Francisco Murari (org.). **Antigos e modernos**: diálogos sobre a (escrita da) história. São Paulo: Alameda, 2009, p. 169-186.
- _____. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. **Topoi**, vol. 8, 2007, p. 159-207.
- _____. A retórica da nacionalidade de Varnhagen e o mundo antigo: o caso da origem dos tupis. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.). **Estudos sobre a escrita da história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 29-41.
- COLLOR, Lindolfo. **Garibaldi e a Guerra dos Farrapos**. Rio de Janeiro: José Olympio, Col. Documentos Brasileiros, 1938.
- COSTA, João Cruz. **Contribuição à história das ideias no Brasil**: o desenvolvimento da filosofia no Brasil e a evolução histórica nacional. Rio de Janeiro: José Olympio, Col. Documentos Brasileiros, 1956.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões**: campanha de Canudos. Rio de Janeiro: Laemmert & C. Editores, 1902.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, política e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DIEHL, Astor Antônio. **Matrizes da cultura histórica brasileira**: do crescente progresso otimista à crise da razão histórica - Uma introdução. 1ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 1993. v. 1. 80 p.

- _____. **A cultura historiográfica brasileira (do IHGB aos anos 1930)**. 1ª ed. v. 1. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- FALCON, Francisco José Calazans. As ideias e noções de “moderno” e “nação” nos textos de Capistrano de Abreu. Os Ensaios e estudos, 4ª série – comentários. **Acervo**: revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, vol. 12, n. 1 / 2, jan./dez., 1999, p. 5-26.
- FERRETTI, Danilo. **A construção da paulistanidade**: identidade, historiografia e política em São Paulo (1856-1930). São Paulo: USP, tese de doutorado, 2004.
- FIGUEIRA, Pedro de Alcântara. **Historiografia brasileira: 1900-1930**. Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, tese de História, 1974, mimeo.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.
- _____. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Série Brasileira, 1936.
- _____. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, Col. Documentos Brasileiros, 1937.
- _____. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. Rio de Janeiro: José Olympio, Col. Documentos Brasileiros, 1951.
- GLEZER, Raquel. **O fazer e o saber na obra de José Honório Rodrigues**: um modelo de análise historiográfica. São Paulo: USP, tese de doutorado em História, 1977.
- GOMES, Ângela de Castro. **História e historiadores**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.
- GONÇALVES, Marcia de Almeida. **Em terreno movediço**: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Souza. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2009.
- GRAFTON, Anthony. **What was history?** The art of History in Early Modern Europe. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. **Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial**. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). São Paulo: USP, tese de doutorado, 1994.
- _____. **Da escola palatina ao silogeu**: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1938). Rio de Janeiro: Ed. Museu da República, 2006.
- GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional, **Estudos Históricos** – Dossiê Caminhos da Historiografia. Rio de Janeiro, vol. 1, n. 1, 1988, p. 5-27.

- _____. O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (org.). **Cultura política e leituras do passado**: historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 24-41.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. História da literatura: fragmentos de uma totalidade desaparecida? In: OLINTO, Heidrun Krieger. **História da literatura**: as novas teorias alemãs. São Paulo: Ática, 1996.
- HARTOG, François. **O século XIX e a história**: o caso Fustel de Coulanges. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 2009.
- HAUSER, Henri. Notes et réflexions sur le travail historique au Brésil. **Revue Historique**, Paris, t. XXXI, jan./mar. 1937, p. 89-90.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **João Francisco Lisboa**: jornalista e escritor. São Paulo: Ática, 1977.
- KODAMA, Kaori. **Martius e o IHGB**: um naturalista e os letrados na construção de uma história. Rio de Janeiro: PUC, dissertação de mestrado, 1999.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- LAPA, José Roberto do Amaral. **A história em questão**: historiografia brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.
- 312 LUCA, Tânia Regina de. **A revista do Brasil**: um diagnóstico para a (n)ação. São Paulo: Unesp, 1999.
- MALERBA, Jurandir. **A história escrita**: teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006.
- MARQUES, Ana Luiza. **José Honório Rodrigues**: uma sistemática teórico-metodológica a serviço da história do Brasil. Rio de Janeiro: PUC, dissertação de mestrado, 2000.
- NICODEMO, Thiago Lima. **Urdidura do vivido**: *Visão do Paraíso* e a obra de Sergio Buarque de Holanda nos anos 1950. São Paulo: USP, 2008.
- _____. **Alegoria moderna**: consciência histórica e figuração do passado na crítica literária de Sergio Buarque de Holanda. São Paulo: USP, 2011.
- NICOLAZZI, Fernando. **Um estilo de história**: a viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-grande e senzala e a representação do passado. São Paulo: Unesp, 2011.
- ODÁLIA, Nilo. **As formas do mesmo**: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna [1979]. São Paulo, Unesp, 1997.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Crítica, método e escrita da história em João Capistrano de Abreu (1853-1927)**. Porto Alegre: UFRGS, dissertação de mestrado, 2006.

- _____. **Escrever vidas, narrar a história:** a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: FGV, 2012.
- PONTES, Heloisa. Retratos do Brasil: editores, editoras e “Coleções Brasileira” nas décadas de 30, 40 e 50. In: MICELI, Sergio (org.). **História das ciências sociais no Brasil**, vol. 1. São Paulo: Ed. Sumaré, 2001, p. 419-476.
- REIS, José Carlos. **Tempo, história e evasão**. Campinas: Papyrus, 1994.
- _____. **A história entre a filosofia e a ciência**. São Paulo: Ática, 1999.
- _____. **História e teoria:** historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- REVEL, Jacques. Recursos narrativos e conhecimento histórico. In: _____. **História e historiografia:** exercícios críticos. Curitiba: UFPR, 2010, p. 205-233.
- RODRIGUES, José Honório. **Teoria da história do Brasil:** introdução metodológica. 1ª ed. 1949. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: INL, 1978a. 4ª edição.
- _____. **História e historiadores**. São Paulo: Fulgor, 1965.
- _____. **História da história do Brasil – 1ª parte:** Historiografia colonial. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- _____. **História da história do Brasil – volume 2 – tomo 1:** A historiografia conservadora. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1988.
- _____. **História da história do Brasil – volume 2 – tomo 2:** A metafísica do Latifúndio: O ultrarreacionário Oliveira Viana. São Paulo, Companhia Editora Nacional; Brasília, INL, 1978b.
- _____. **A pesquisa histórica no Brasil**. 1ª edição 1952. São Paulo, Companhia Editora Nacional; Brasília, INL, 1952. 2ª edição revista e aumentada 1969.
- SILVA, Rogério Forastieri da. **História da historiografia:** capítulos para uma história das histórias da historiografia. Bauru: EDUSC, 2001.
- SILVA, Taise Tatiana Quadros da. **A escrita da tradição:** a invenção historiográfica na obra *História Geral do Brasil* de Francisco Adolpho de Varnhagen (1854-1857). Rio de Janeiro: UFRJ, dissertação de mestrado, 2006.
- _____. **Maquinações da razão discreta:** operação historiográfica e experiência do tempo na classe de literatura portuguesa da Academia Real das Ciências de Lisboa (1779-1814). Rio de Janeiro: UFRJ, tese de doutorado, 2010.
- SINKEVISQUE, Eduardo. **Retórica e política:** a prosa histórica dos séculos XVII e XVIII – introdução a um debate sobre gênero. São Paulo: USP, dissertação de mestrado, 2000.

- SORÁ, Gustavo. **Brasilianas**: a casa José Olympio e a instituição do livro nacional. Rio de Janeiro: Museu Nacional – UFRJ, tese de doutorado, 1998.
- SOUZA, Octávio Tarquínio de. Prefácio. In: RESENDE, Francisco de Paula Ferreira de. **Minhas recordações**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.
- _____. Prefácio: In: LIMA, Oliveira. **D. João VI no Brasil (1808-1821)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945. 2ª. edição.
- SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. **Formação da teoria da literatura**: inventário de pendências e protocolo de intenções. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; Niterói: EDUFF, 1987.
- VARELLA, Flavia Florentino. **Da impossibilidade de aprender com o passado**: sentimento, comércio e escrita da história do Brasil de John Armitage. São Paulo: USP, 2011.
- TEIXEIRA, Felipe Charbel. **Timoneiros**: retórica, prudência e história em Maquiavel e Guicciardini. Campinas: Unicamp, 2010.
- TURIN, Rodrigo. **Narrar o passado, projetar o futuro**: Silvio Romero e a experiência historiográfica oitocentista. Porto Alegre: UFRGS, dissertação de mestrado, 2005.
- _____. **Tempos cruzados**: escrita etnográfica e tempo histórico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: UFRJ, tese de doutorado, 2009.
- 314 WEHLING, Arno. **Estado, história, memória**: Varnhagen e a construção da identidade nacional. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.